

ARCHIVOS RIO GRANDENSES DE MEDICINA

Orgão da Sociedade de Medicina de Porto Alegre

Publicação mensal:

Anno	20\$000
Semestre	12\$000
Avulso	2\$000
Extrangeiro	30\$000

Commissão de Revista:

Prof. Dr. Raul Bittencourt, livre docente de psiquiatria.
Dr. Carlos Bento, assistente da clinica medica da Faculdade.
Prof. Dr. Florencio Ygartua, livre docente de podiatria.

DIRECTOR: PROF. ARGYMIRO CHAVES GALVÃO

Cathedratico da Faculdade de Medicina

A questão da lepra no Rio Grande do Sul

Relatorio apresentado a Sociedade de Medicina de Porto Alegre, em
Setembro de 1927, pelo Dr. E. von Bassewitz.

O digno presidente da nossa agremiação teve, na ultima sessão, a lembrança de escalar-me para um dos relatores que deviam expôr, n'este circulo, o seu modo de encarar o magno problema da lepra, com especial referencia ao nosso Estado.

Entendi que não devia furtar-me a esta honrosa incumbencia que me permitiria, não só, expôr perante os meus illustres collegas os escasos fructos d'uma observação pessoal longa, sinão por fornecer-me occasião de manifestar algumas cogitações hereticas a respeito do actual dogma orthodoxo da pathogenia da morphea. —

Mais de 30 annos de residencia no Brazil e a observação attenta dos successos occorridos na vida politica e social, o conhecimento adquirido dos habitos e da indole do nosso povo, tornaram-me pessimista na crença de ver solucionadas, pela actual geração, os grandes e urgentes problemas sanitarios nacionaes não obstante da existencia de scientistas emeritos e de apostolos fervorosos e abnegados que clamam pela sua solução. O pouco edificante exemplo do fracasso innegavel na instituição da immunisação anti-

variolica obrigatoria, pode servir de illustração. Uma das razões principaes d'esta fallencia reside, a meu ver, no afastamento dos medicos da politica activa. Nos países, com boa organização politica, os homens de sciencia occupam, frequentemente, altos postos de governo como na Inglaterra, na Italia, antes do periodo politico actual e ultimamente na Allemanha. Um exemplo frizante e suggestivo, entre as Republicas Sul-Americanas, constitue o Uruguay, no qual a evolução politica acompanha, em synergia admiravel, o progresso das sciencias. — E' incontestavel que a politica, para ser boa, deve ser biologicamente orientada. Quero recordar aqui a sentença magistral de Virchow: „A medicina é politica em grande escala“, e, assim sendo, todo o medico, conciso dos seus deveres profissionaes (e civicos), não pode deixar de ser politico activo. Entretanto não é menos verdade que, por toda parte, se evita nas reuniões e associações scientificas, os pronunciamentos politicos pelo risco de attritos e sizanias prejudiciaes aos trabalhos scientificos, a par dos incertos e precarios resultados practicos. Isso, porém, não deve impedir uma actua-

ção decidida nos agrupamentos partidarios com programma adequado as nobres aspirações e ao horizonte intellectual do medico que se interessa pelo bem estar do seu paiz. Quem nos déra que nas altas corporações politicas do Brazil e nas espheras governativas estivessem homens, com bastante claravidencia e energia, para propugnar as suas ideias.

O character liberal, semi-anarchico, indolente e pouco disciplinavel do nosso povo, constitue uma barreira molle e elastica e, por isso, perfeitamente amortiguadora das investidas que, com pouco energia e persistencia, são, as vezes, feitas no sentido de impulsiona-lo ao progresso real e de acabar com o lamentavel „status quo“, por todos reconhecido. A nossa gente não carece de perspicacia e intelligencia lucida; de comprehensão facil e de boa indole, falta-lhes, apenas, persistencia nos repentinos surtos de expansão de energias latentes, adormecidas. Por isso; a classe medica não deve conservar-se affastada d'uma activa politica boa e progressista. E' isso, a meu ver, o meio mais efficaç do qual dispomos para provocar a elaboração, adopção e execução de leis sabias que solucionam os importantissimos e urgentes problemas sanitarios do paiz.

Peço desculpar-me esta exhortação que não me parece descabida no actual momento, no qual, proceres eminentes e acatadissimos da sciencia medica, adoptam orientação divergente, negando-se participar da actividade politica. Estou certo que os motivos d'esta recusa lamentavel não são de natureza egoistica, pois as elevadas qualidades ethnicas revellados durante a sua longa e brilhante trajetoria profissional poe-os ao abrigo de suspeitas ignobis. —

Trata-se, evidentemente, d'um colapso do optimismo que deve dominar os clinicos, mesmo em face das situações mais compromettidas. Não lhes é licito assistir, de braços cruzados, aos soffrimentos e convulsões d'um organismo doente, embora, aparentemente, incuravel. Até os signaes agonicos podem enganar e não justificam a abstenção, o nihilismo medico. —

Não negemos, por tanto, os nossos soccorros profissionaes a depauperada e convulsionada organização social que se chama „Republica dos Estados Unidos do Brazil!“

Frequencia e distribuição da Lepra no Rio Grande do Sul

A falta absoluta de dados estatísticos fidedignos não permite avaliar o numero de morpheticos no nosso Estado, que carece de organização sanitaria efficaç. Os registros de obituario, muito deficientes, não são aproveitaveis para a elucidação d'este ponto, pois os rarissimos casos de fallecimentos, attribuidos a lepra, nada adiantam visto que a maioria absoluta dos morpheticos é victimada por doenças intercorrentes. Registros de morbidez não existem, embora a lepra figure, de ha pouco, entre as enfermidades de notificação obrigatoria.

Temos, apenas, uma unica fonte que poderia permittir avaliar, aproximativamente, a diffusão d'este flagello entre nós, — refiro-me as informações particulares obsequiosas dos clinicos das diferentes localidades e estas mesmas só poderiam ser aproveitadas com muita cautella pois é de temer que o mesmo caso individual figure, em duplo e triplo, nas diferentes listas. Os casos pouco typicos, as formas iniciaes e as larvadas, que são muito numerosos, escapariam, forçosamente, ao computo.

Para remediar esta situação de deficiencia me parece indispensavel uma reorganização completa da nossa Repartição de Saúde Publica que, na sua forma embryonaria actual, não preenche, em absoluto, as exigencias justas, embora restrictissimas, que se deve fazer a uma organização de tão incontestavel importancia practica. Julgo indispensavel nomear, para cada comarca, um delegado de hygiene com aptitudes comprovadas, para o exercicio efficaç do cargo, a cujos cuidados fica a organização dos registros de morbidez, dos quaes, periodicamente, deve ser remettido copia a Directoria Geral de Hygiene. Sem estes dados preliminares não se pode pensar na organização d'um plano, d'um combate systematico serio a este e a outros flagellos.

Historia e origem da lepra no Rio Grande do Sul

Não ha dados que permittem fixar a epoca do aparecimento da morphea n'este Estado. Admittindo, como verdadeira, a affirmação de sua não-existencia na população aborigine, devemos admittir a sua

introdução pelos colonisadores nacionaes e portuguezes e pelo trafico dos negros, elementos, estes, que ja em proporção bastante acentuada, eram portadores de lesões morpheticas. Os ilheos e canarios que, em numero consideravel contribuíram para a colonisação do Rio Grande do Sul, vieram de focos insulares intensamente flagellados pelo mal lazarinio e assiste-nos, por isso, o direito de presumir nova importação de lepra por seu intermeio.

O contacto ininterrupto com os habitantes dos paizes cisplatinos limitrophes, tambem flagellados pela lepra, deve ter sido outra fonte para a adquisição e para a permuta do virus morphetico.

Quanto as correntes emigratorias mais remotas e a sua contribuição para a diffusão da lepra entre nós, convem assignalar que a allemã não pode ser incriminada n'este sentido, pois ella provinha de regiões, practicamente, indemnas; outro tanto, porém, ja não succede com os emigrantes allemães genuinos e os seus decendentes, vindos para cá de Santa Catharina e Paraná, entre os quaes já existia a lepra em proporção assustadora.

O elemento colonizador italiano, numericamente menor e tendo vindo em epoca menos remotta, contribui, com alguns casos de lepra importada. Eu, pelo menos, constatei 3, em doentes provenientes do sul da peninsula (Calabria e Sicilia).

Muito maior foi o numero de emigrantes leprosos, de origem syria. Ainda hoje é grande a proporção de morpheticos entre este elemento ethnico, formando a propria capital ampla prova d'isso.

A peninsula iberica, a França, os paizes balcanicos e a Russia enviaram-nos, entre os seus emigrantes, um e outro leproso. Entre os meus clientes houve 5 portuguezes, 2 hespanhoes, 1 francez, 1 russo e 1 grego que, inquestionavelmente, ja tinham sahido leprosos dos seus paizes de origem. De raça mongolica, a mais flagellada pela lepra, vi apenas 1 caso num chinez, o que não é de admirar dada a fraca proporção de emigrantes d'esta origem, pelo menos neste Estado.

Deducindo do numero total dos casos, por mim registrados, que attingem a cifra de 116, os 32 de origem extra-continental, temos a proporção de 74% de casos autochtones o que confirma que a lepra ja é, de longa data, entidade morbida enraizada no Rio Grande do Sul.

Dividido em sexos, o meu material assignala, 65 homens e 51 mulheres; a idade dos enfermos ocillava entre 11 e 83 annos.

Separando-os em 3 grupos, de accordo com as modalidades clinicas, conta-se 45 casos de lepra tuberosa, 23 da forma tropho-nevrotica e 48 com manifestações mixtas. Estes dados nada de especial revelam a não ser que a grande preponderancia das formas tuberosas-nodulares e mixtas, em detrimento da modalidade anasthetica, permite concluir o character francamente invasor da lepra entre nós, pois é incontestavel que estas formas constituem fonte de contagio mais perigosa.

Etio-pathogenia da morphea

Continuando na minha exposição peço ao meu illustre auditorio desculpas por ter que abordar e insistir em pontos ultra conhecidos, não posso, porém, furtar-me de rememorar dados para poder frizar o meu ponto de vista pessoal divergente sobre questões ligadas ao problema pathogenetico do mal de Hansen.

A lepra é, clinicamente, uma doença com evolução lenta e paroxistica, caracterizada pela irrupção de maculas e tuberculos, por anesthasias, amyotrophias e mutilações. Essas lesões superficiaes assentam-se, de preferencia, nos tegumentos periphericos em relação com o meio externo.

Em tempos não remottos era a doutrina, geralmente aceita, que a lepra fosse uma doença dyscrasica, apenas hereditariamente transmissivel e não contagiosa, theoria, essa, baseada em longas e amplas observações de mestres, de valor incontestavel, como Danielsen, Boeck e outros. Si não obstante disso se procedia a hospitalisação systematica dos morpheticos, era a ideia orientadora á de impedir a sua procreação. A diminuição rapida e constante dos casos de lepra, a falta de casos de contagio do mal ao pessoal incumbido do tratamento e da custodia dos morpheticos internados, era tido como comprovação da doutrina dominante naquella epoca, na Norruegia.

Ahi mesmo surgiu, porem, em 1874, com o descobrimento do bacillo „especifico“, realisado por Armauer Hansen, a nova era contagionista. A epoca era propicia a propagação de ideias d'esta ordem,

pois já se estava em pleno periodo pasteuriano.

Rapida e, a bem dizer, completa foi a victoria do novo credo etio-pathogenico da lepra, que passou, logo, a figurar oficialmente no quadro das doenças infecciosas e contagiosas, restabelecendo-se, d'esta forma, a antiquissima crença popular na transmissibilidade extrema da morphea que se funde, em grande parte, na interpretação erronea de textos biblicos referentes ao „Sáaraat“, traduzido por lepra.

O bacillo, encontrado por Hansen, pertence, botanicamente, ao grupo dos actinomycetos, sendo difficilima a tarefa de differencia-lo do bacillo de Koch, com o qual, cóoparticipa das mesmas propriedades extracturaes e corantes. Ambos são germens acido resistentes e tomam o Gram, de modo que nenhum caracter distinctivo typico permite distingui-los entre sim, a não ser a incultivabilidade do bacillo de Koch, criterio fallivel nos casos de coexistencia da lepra com tuberculose, o que não é muito raro. Enraizou-se, injustificadamente, entre os clinicos a crença no valor distinctivo d'estas reacções biochimicas, tidas em conta de criterio infallivel.

Verdade é que não se lhes pode negar certo valor practico é, porem, preciso confessar que se encontra, frequentemente, exemplares de comportamento variavel e ambiguo em relação aos methodos de Ziehl e Gram, sendo a acido „resistencia e a gram“ positividade caracteres distinctivos de valor restricto. Prova d'isso são as numerosas modificações propostas na technica classica d'estes methodos de coloração, que, porém, infelizmente não conseguiram excluir a possibilidade de interpretações erradas. O valor do criterio differencial morphologico e tinctorial entre os bacillos de Hansen e de Koch, soffre ainda outra restricção pela demonstrada existencia de bacillos acido resistentes e gram positivos nas fosses nasaes de pessoas não tuberculosas nem leprosas, e fora do contacto com doentes d'esta ultima cathego-ria (Bacillo de Karlinsky).

Não obstante estes „itens“ apontados não se pode negar certo valor aos exames bacterioscopicos, desde que existem symptomas clinicos confirmativos. O que me parece inadmissivel é querer diagnosticar a existencia de lepra, unicamente baseado num exame bacterioscopico do muco nasal, como Sticker e outros o querem. A theo-

ria de ser a mucosa pituitaria a porta de entrada unica ou principal do virus leproso é, ainda, por muitos, tido como expressão da realidade, entretanto é ella invalidada pelas observaçõesmeticulosas de numerosos pesquisadores que encontraram este germen em proporção que varia entre 6,8% até 32% no maximo, dos casos de lepra examinados.

Innegavel é que o germen da lepra tem muito de enigmatico, a propria profusão com que se encontra o bacillo de Hansen nos tegumentos e nas excreções dos morpheticos, está em evidente contraste com a raridade das transmissões observadas. Schäffer constatou, num caso de Rhinite leprosa, que os bacillos das vias respiratorias superiores, foram projectados, em quantidade enorme, sobre os portabjectos collocados a distancia de 1 m. da bocca e das narinas, recolhendo elle, d'esta forma, em 10 minutos, o numero phantastico de 185 000 exemplares!

Tosse, espirros e a propria palavra articulada projectam estes germens a distancias relativamente grandes. Por tanto, todas as pessoas que rodeiam um leproso, com lesões nasaes ou buco-pharyngeas, in-halam, necessariamente, quantidades assombrosas de bacillos. Como se explica que ellas permanecem, geralmente, indemnes?

Quem, como eu, se occupou de perto e practicamente com a investigação dos phenomenos etio-pathogeneticos da lepra, fica verdadeiramente atordoado pela quantidade gigantesca, incalculavel de bacillos nos casos de lepra tegumentar, em verdadeiro contraste frizante com a falta de reacção local dos tecidos invadidos. Nemhumha reacção tissular acentuada ou typica, entretanto lembra a quantidade de bacillos enormes cardumes de peixe, obstruindo a luz dos vasos lymphaticos. As proprias cellulas leprosas de Virchow não passam, em ultima analyse, d'um conglomerado de cellulas endo-theliaes lymphaticas e de bacillos de Hansen, formando verdadeiros thrombos.

A unica explicação que ocorre é a presumpção d'uma multiplicação lenta dos germens infectantes, e a prompta morte dos bacillos adultos, tornados avirulentos, (Cornil já disse que a maioria absoluta dos bacillos leprosos eliminados, eram distituidos de poder infectante) que, porém, devido a sua estrutura, pelo seu denso envolucro céreo; resistem a phagocythose,

permanecendo como corpos extranhos (inocuos) no organismo hospede. Em outras palavras: Deve haver uma grande proporção entre os germens mortos e os vivos, que tendo a acentuar-se no decorrer da doença.

A grande resistencia do bacillo de Hansen, no meio biologico, é attestada por diversos experimentadores. Iwanoff, que inoculou diversos animaes com quantidades massicas de bacillos leprosos, não conseguiu a intentada transmissão da doença, poudé, porem, constatar, muitos mezes e annos depois, a persistencia dos germens inoculados, no meio organico, nos pontos da inoculação experimental. — Arning demonstrou o mesmo germen na materia fecal de leprosos, 6 mezes depois da sua eliminação, constatando que os bacillos tinham conservados todos os caracteres morphologicos e biochimicos; o mesmo resultado obtive com material retirado de corpos putrefactos de morpheticos.

Estes factos reunidos a incultivabilidade do bacillo de Hansen reforçam a minha crença de ser esta forma bacillar avirulenta e incapaz de transmittir a doença. Assim, tambem, se comprehende que a lepra não se transmitté facilmente de homem para homem, a não ser em condições especiaes ainda não esclarecidas. É muito suggestiva a hypothese da interferencia de agentes transmissores intermediarios, capazes de introduzir, atravez da epiderme protectora, o virus leproso, provavelmente em baixo de outra forma, não bacillar. (Vem ao caso de lembrar aqui que ja em 1881, Lutz e Unna, notaram pequenas granulações nos lepromas, propondo a sua inclusão no genero „cocythrix“.) Orientado por esta hypothese trabalhei, ha muitos annos, e por longo espaço, tentando prova-la experimentalmente, o que não me foi possivel.

A recente descoberta de Ant. Fontes da existencia d'uma forma filtravel do germen da tuberculose, veio, agora, em apoio das minhas supposições. Dado o parentesco proximo e as ja alludidas semelhanças morphologicas e biochimicas entre o bacillo de Koch e o de Hansen, ja não repugna admittir que existe, tambem, uma phase granulosa filtravel e ultravisivel no cyclo evolutivo do germen da lepra e que o aspecto, em baixo do qual o conhecemos, não passa d'uma forma de involução senil e avirulenta. Só

a luz da hypothese fecunda do pleomorphismo, d'um circulo evolutivo ignorado do bacillo de Hansen, torna-se comprehensivel o enigma da longa incubação da morphea, durante a qual a pesquisa da forma bacillar typica é negativa; a nocção do virus se confundirá com a das neurotoxinas leprosas. Creio, porem, que tão cedo não será desvendado este intrincado problema etiologico. Entretanto deve ser tentado, sem perda de tempo, orientando-se os investigadores pela auspiciosa rota trilhada pelo nosso meritorio patricio Antonio Fontes. Repito, aqui, com elle „que a epoca da forma ja se mostrou esteril e que assim como no dynamismo da materia estão encerrados os segredos da vida, da mesma sorte n'elle se encontrará a chave dos problemas de pathologia“ (Brazil Medico 3/X/1926).

Voltando ao ponto, ja tocado, da supposta existencia de transmissores intermediarios, confesso-me adepto d'esta theoria.

Mosquitos, piolhos, percevejos, o demodex folliculorum e o acaro da sarna são suspeitas n'este ponto. Quanto ao ultimo insecto parasita, foi eu o primeiro em attribuir-lhe semelhante papel, baseado numa observação pessoal, a meu ver muito concludente. (V. Münchener Medizinische Wochenschrift 1904.) Esta suposição foi, mais tarde, robustecido pela affirmação d'um outro doente, massagista, que supoz ter adquirido a morphea, de modo analogo. Entretanto, está longe de mim acreditar de ser o acaro da sarna o habitual ou unico vehiculador do virus leproso; pelo contrario, elle o será na actualidade e no nosso meio, rarissimas vezes. Não obstante creio que o „Scaroptus Scabiei“ fosse em outros tempos e principalmente nos paizes escandinavos, muitas vezes o transmissor da lepra. Basta ler a descripção que os autores noruegueses nos fizeram da „scabies crustosa“ observada nos leprosos com anesthesia peripherica, vivendo em pessimas condições hygienicas e em promiscuidade com os seus parentes e pessoas não leprosas.

Entre nos merece ainda a suspeita de vector eventual da morphea um outro insecto hematophago, alias ja com muito má reputação; refiro-me ao celebre „barbeiro“ — conorrhinus megistus — o classico transmissor da doença de Chagas. —

Naturalmente tiveram as differentes hypothesis sobre a transmissão da lepra

por insectos, muitos contradictores que com apresentação de grande copia de argumentos, outras vezes depois de rudimentares ensaios, concluíram pela negativa. Como prova concludente era tido a verificação da não existencia de bacillos de Hansen no corpo do presumido agente transmissor. Hoje ainda chegou as minhas mãos, no ultimo numero do „Brazil Medico“ de 3 de Outubro, a resenha d'um artigo d'um confrade portuguez, da Nova Gôa, intitulado „Insectos são capazes de transmittir a lepra?“ na qual o auctor se pronuncia pela negativa, embora tivesse encontrado, muitas vezes, bacillos acido-resistentes no tracto digestivo dos insectos examinados.

Não quero deixar de mencionar aqui a theoria da origem murina da lepra, que se baseia na verificação d'um bacillo com todos os caracteres do de Hansen, encontrado por Stephansky no corpo de ratos dos esgotos, com lesões periphericas copiando as da lepra (?) ou sem symptomas externos apreciaveis, contendo, entretanto, numerosos bacillos no succo ganglionar. Entre nos tornou-se defensor desta theoria pathogenetica o Dr. Paes de Azevedo (V. Archivos Brasileiros de Medicina — 1917 N. 4), entretanto sem esclarecer o modo provavel da transmissão da lepra murina ao homem. O citado auctor opoe-se formalmente as diversas theorias da transmissão da lepra por insectos, por tanto não pensou em attribuir á pulga o papel de transmissor da lepra murina, analoga a transmissão do virus pestoso por este insecto.

O que é certo que nada está provado nem em pró nem em contra da nossa hypothese sympatica, em face da nova doutrina do pleomorphismo e da filtrabilidade do germen da lepra. Continua, por tanto, aberta esta questão até a apresentação de novos argumentos que só podem surgir da elucidação completa do cyclo evolutivo d'este germen, tão interessante quam enigmatico.

Curabilidade e prognostico da morphea

O prognostico da lepra em si, não pode ser taxado de infausto. O proprio Hansen nos diz que nenhuma lesão especificamente leprosa é capaz de occasionar a morte. Pelo menos é esta, geralmente, o resultado de outras infecções concomitantes ou, então, occasionada pela degene-

recencia dos orgams visceraes, como ocorre em todas as supurações interminaveis. Sabemos tambem que as formas anesthesicas possuam uma duração indefinita.

Quanto a curabilidade da morphea ha quem a nega em absoluto, para estes o diagnostico da „lepra“, equivale a uma sentença de morte com execução mais ou menos retardada. Ha evidente exagero n'este pessimismo, pois casos há, embora pouco numerosos, de cura espontanea, o que melhor do que tudo mostra que não se pode inscrever nas portas de accesso as leprosas a classica sentença do inferno de Dante: „Lasciate ogni Speranza, voi ché entrate!“

No campo opposto ha individualidades que se sentem autorisadas de registrar, como curados, os casos de lepra nervosa, que no fim de longos annos de soffrimentos cruciantes apresentam paradas longas na evolução do mal, que, muitas vezes, se tornam definitivas, aparentemente pela extinção do virus. Serão curas, curas relativas; porém, quem ousa gaba-las? As tristes ruínas humanas, mutiladas, que restam; lembram os escombros d'um grande incendio extincto que deixou, apenas, alguns muros denegridos em pé.

Eu confesso, para mim, um certo gráo de optimismo em relação a curabilidade da morphea, que considero irmã gémea da tuberculose, com a qual apresenta tantas analogias e pontos de contacto. Tenho por certo que grande numero de casos de lepra incipiente se curam espontaneamente, sem que o diagnostico tenha sido estabelecido, por carencia de symptomas typicos ou pela errada interpretação d'estes, o que é frequente. Só os casos com evolução franca dos symptomas são, após longa phase de incubação e invasão, finalmente reconhecidos leprosos. Todo isso que é de observação corriqueira em relação a tuberculose, pode ser admittido, sem repugnancia, para a morphea, muito menos conhecida dos nossos clinicos.

„Durante o periodo de latencia leprosa, o agente infeccioso introduzido no „organismo, permanece inactivo até que „num aziago dia, sobre a influencia de „causas indeterminadas, os tecidos se tornam favoraveis ao seu desenvolvimento. „E' muito possivel e mesmo provavel que „n'uma região leprosa, um certo numero „de individuos conservem, no seu orga-



**O CLASSICO NA
THERAPIA DA SYPHILIS**
INJEÇÕES INTRAMUSCULARES

Lic. S.P. Nº 1533

A. BROCKMANN & CIA.

Porto Alegre

Rua dos Andradas n. 225 — Edificio La Porta

Caixa Postal 153 - Teleph. autom. 4725 - Ender. telegr.: ABROCO

Deposito permanente e variado de Instrumentos e Apparehos para

Cirurgia Medica

Moveis asepticos para salas de operações e consultorios

Sortimento completo de Seringas hypodermicas, núas e completas

Agulhas de aço, nickei e platina em todos os comprimentos e diametros

Films para Raio X

Sortimento completo e variado em ARTIGOS para

Photographia e Odontologia

Cintos abdominaes, Meias elasticas, Esponjas, Filtros, Apparehos

e laminas Gillete, Pastas, Pós, Liquidos e

Escovas para dentes

Productos da „Dr. A. WANDER, S. A.“, Berna (SUISSA)

Ovomaltine

(Malte, Leite, Ovos e Cacão)

Super-alimento dos anémicos e dos convalescentes. Tratamento das affecções do estomago e dos intestinos. Galactogenio. Alimento dos intellectuaes e dos desportistas.



Maltosan

(Sôpa d'extracto de Malte)

Especialmente preparada, segundo esperiencias clinicas, para creanças atacadas de perturbações digestivas, gastro-enterites, diarréias etc.



Nutromalt

(Maltose — Dextrina)

Assucar nutritivo para creanças.



Cristolax

(Extracto de Malte crystalizado e parafina pura)

Laxativo não irritante. Especifico da prisão de ventre habitual, das creanças e das pessoas fracas.



Alucol

(Hydrato d'aluminio colloidal)

Tratamento dos estados hyperchlorydicos.

Para literatura, amostras e pedidos dirijam-se a

LEAL & CIA.

Rua Independencia, 748 — Caixa Postal, 291

PORTO ALEGRE

Representantes-depositarios para o Rio Grande do Sul

„nismo, o contagio leproso sem que cousa „alguma acusasse a sua presença; são leprosos sem sabe-lo. E' possível e mesmo „provavel que durante este periodo de latencia do mal o virus permaneça localisado e o organismo não é infectado no „seu conjuncto.“

Este ultimo periodo gryphado e de Hallopeau, extrahido do seu classico artigo „La Lepre“ no tratado de Molestias Exoticas (Paris, 1906) e por tanto não é novidade como poderá parecer a muitos. Eu estou de inteiro acordo com elle.

Ha muitas formas rudimentares, attenuadas, benignas e frustas de lepra, a questão é descobrir e diagnostica-los.

Mesmo nos casos de eclosão alarmente podem, d'um momento para outro, manifestar-se treguas e periodos de silencio symptomatico absoluto, de modo que si se administra um dado medicamento no fim d'uma phase evolutiva, o periodo de repouso que lhe segue, será, frequentemente, attribuido a medicação ultima; mera illusão therapeutica! A experiencia de todos os leprologos velhos indica que todas as reservas são poucas e que o optimismo facil, que se nota sempre quando uma medicação nova é ensaiada, é, geralmente, injustificada.

As ocillações espontaneas na marcha evolutiva da lepra, as paradas e phenomenos regressivos mostram, porém, que a „vis medicatrix naturae“ faz sentir a sua influencia tambem nesta doença terrivel. Como é que estas melhoras e as curas espontaneas se operam? Devemos confessar a nossa ignorancia a este respeito. A leucocythose, que é o habitual meio de defesa do organismo na maioria das doenças infecciosas, mostra-se, na morphea, inefficaz. Si com as auto-defesas do organismo pouco se pode contar, igual succede com os meios therapeuticos.

Therapeutica da Lepra

Recordando o que foi o tratamento da lepra no passado, ve-se que, no decorrer dos seculos não houve medicação alguma que não tivesse sido ensaiada contra este flagello. Nenhuma conseguiu firmar reputação solida, cahindo umas apos outras, em abandono. Exepção fazem apenas os processos mysticos e as „sympathias“ dictadas pela superstição, phenomeno que se repete com relação a todos os outros processos morbidos de cuja cura

se desespera. As cousas mais exquesitas e abstrusas, as mais difficeis de obter, eram as que gozavam de maior renome, parecendo que o preconizador da panacéa já previa a sua fallencia, uma vez posta em prova.

O sangue humano, principalmente o de creanças inocentes e de virgens intactas, representava na antiguidade e na idade media um papel importante na therapeutica da lepra. Tal era a sua fama que naturalistas e medicos illustres como Bacon e Paracelso o consideravam o unico recurso efficaz, porem, com a prudente restricção, „que Deus abençoasse a sua acção“. A fé n'esta medicação mystica, foi muitas vezes, a causa de crimes horrendos cometidos por leprosos e, por outro lado, o motivo da perseguição em massa, de verdadeiras cruzadas de extermínio de leprosos, realizadas em represalia de verdadeiros ou phantasticos crimes d'estes.

Hoje em dia, ainda somos frequentemente surpreendidos lendo, na imprensa diaria, a noticia da agressão de creanças e mulheres inermes por morpheticos que procuram morde-las e inocular-lhes, por todos os meios, o virus da sua molestia, guiados pela fé na lenda que reza que o leproso que consegue transmittir a sua doença a 7 pessoas sans, fica curado. Reminiscencias lugubres da idade media!

O veneno das cobras era outra substancia que gozava de grande renome e fazia parte integrante do famoso theriaco andromachico e galenico.

Não se recuava tambem diante da pratica de operações mutilantes e abstrusas, como a castração, preconisada por Valescus de Taranto e mais tarde recomendada pelo famoso cirurgião Ambrosio Paré.

A applicação de vesicatorios e mochas, do ferro em braza e do sedenho foi de uzo corrente, porem, d'uma inefficacia dolorosa. A cantharida, teve nos nossos tempos, uma resurreição devido a recommendação do cantharidato de potassa por Liebreich, que preconizou o seu emprego na tuberculose e na lepra. N'esta capital, o Dr. Julio Hoffmann, clinico allemão, ha poucos annos fallecido, dedicou-se muito ao tratamento da lepra usando o cantharidato de potassa, confessando-se entusiasmado com os resultados

obtidos e julgando ter realizado algumas curas.

Em summa, pouco de, practicamente, aproveitavel se tira da therapeutica antiga da morphéa. Os principios basicos, em que ella se fundava, era a supposta natureza dyscrasica do mal e, d'ahi, as tentativas de „depurar“ o organismo dos „mãos humores“ por meio de sangrias, suadores, purgativos e diluentes. A isso se junctava, frequentemente, a balneo-therapia, as fumigações e as fricções com substancias gordurosas das mais variadas proveniencias. Dispensou-se, porem, especial cuidado ao regimen dietetico.

Como exemplo illustrativo vou citar o tratamento uzado por Schilling, um afamado clinico do seculo XVIII. Consistia elle na alimentação escassa, durante os primeiros 3 mezes do tratamento, com pão e vegetaes; sendo o uzo moderado do leite permittido aos doentes sem prisão de ventre. Nos enfermos plethoricos começava-se por uma abundante sangria. A todos administrava-se, diariamente, purgantes com exclusão dos de natureza mineral. Banhos quentes e a ingestão de copiosas quantias (tres ou quatro litros) de decoctos depurativos e emollientes, alternado com sudorificos, eram diariamente uzados nas primeiras 6 semanas de cura; durante este tempo os doentes eram cautellosamente guardados do contacto com o ar frio. No fim d'este periodo, procedia-se a uma nova subtracção copiosissima de sangue que precedia ao reinicio do mesmo tratamento, addicionando-se, agora extractos amargos aos mencionados decoctos, sendo, quando preciso, ampliada a dieta e permittido o uzo moderado d'um bom vinho. Externamente applicava-se, sobre as ulceras, fios embebidos em tinctura de aloes e de myrrha. Este tratamento, muito gabado, era repetido diversas vezes, até conseguir-se resultados; cuja persistencia se pensava poder garantir com a repetição frequente do mesmo tratamento, deveras, exaustivo.

Sobre principios identicos baseiam-se ainda os tratamentos da maioria dos empiricos, que, entre nos, exploram os leprosos, garantindo-lhes a cura. Os purgativos, depurativos vegetaes e a diétá restricta são as suas armas mais poderosas, com as quaes conseguem, muitas vezes, melhoras symptomaticas sorprendentes, apregoadas como curas. Um ex-cliente

meu, que sujeitou-se ao tratamento d'um curandeiro afamado, alimentou-se, durante 6 mezes, exclusivamente com bananas, pouco maduras e inhame cosido (tuberculo comestivel d'uma discoreacea), conseguindo o desaparecimento dos numerosos modulos leprosos da face e das orelhas, que muito o desfiguravam.

Não são, por tanto, de todo desprezaveis os recursos d'uma therapeutica dietetica, na morphéa.

Desde a idade media data a recommendação do mercurio, apregoado, por muitos, como agente eficaz na luta contra o mal lazarino. A confusão frequente e facil de lesões leprosas com manifestações lueticas, deve ser a origem de sua fama, nada justificada. A minha propria experiencia convenceu-me, plenamente, da inefficacia não só da veneranda medicação mercurial, como da moderna arcenical e bismuthica, destituídas de acção util na lepra. Quanto ao iodo e aos seus inumeros derivados, é inegavel que actuam sobre a morphéa, geralmente, porem, d'um modo desfavoravel, agindo como um verdadeiro chicotazo sobre as lesões leprosas, imprimindo á doença uma marcha francamente progressiva e podendo provocar subitas situações criticas, como succedeu n'um caso da minha observação, onde a ingestão de uma gramma de iodureto de potassa produziu um edema agudo da epiglote.

Talvez que doses minimas de iodo resultem uteis na lepra torpida; ensaios n'este sentido merecem ser effectuados.

De actividade muito evidente são, tambem, duas outras substancias que carecem ser manejadas com a maxima prudencia. São ellas a tuberculina de Koch e a vaccina de Row, preparada com culturas do bacillo de Koch. Os morpheticas reagem sobre a sua administração d'um modo quasi identico aos tuberculosos. Não obstante de serem de manejo delicado e exigirem uma vigilancia activa por parte do medico que os administre, são os resultados obtidos com seu uzo de tal natureza que autorisam novos ensaios systematicos, porém só em doentes hospitalisados, pois elles mobilisam os germens pathogenos.

Poucas palavras ainda sobre a serum-therapia especifica da morphéa. Embora que, a priori, já era difficil acreditar na possibilidade de se obter um serum anti-

leproso (devido a grande escasez ou falta de toxinas no serum sanguineo d'estes doentes e pela impossibilidade de cultivar o bacillo de Hansen, além da intransmissibilidade da lepra a animaes), despertou, na sua epocha, o annuncio do serum de Carasquilla bastante attenção. Os ensaios feitos provaram, porem, que elle não agia de modo diverso ao do serum sanguineo normal equino. Fallando de preparações serum-therapicas devo recordar que em epocha não muito afastada, ensaiou-se, amplamente, o serum anti-ophidico no tratamento da lepra. Originou esta tentativa a communicação d'um medico de Jamaica, que conseguiu, pela injectão do „serum anti-venimeux de Calmette“ curar um doente leproso, mordido por uma cascavel, não só do envenenamento ophidico sinão, aparentemente, tambem da morphéa, pois as manifestações externas d'esta doença desapareceram. Os resultados de ensaios ultteriores não foram, porem, de modo a permittir a recommendação d'estes serums para a cura da lepra.

Verifiquei, entretanto, n'um caso, de nevríte leprosa rebelde do nervo cubital, a grande utilidade do serum anti-crotalico de Vital Brazil. Este doente era atormentado, ha muitos dias já, por dôres atrozes, que só calmavam, por pouco tempo, com o uso de injectões de morphina. Occorreu-me então a idéa de ensaiar o serum anti-crotalico, do qual tinha um tubo a mão. Injectei o seu conteúdo na proximidade do trajecto do nervo attingido. O resultado foi surpreendente pois apos uma curta phase de exacerbação da dôr, ella desapareceu, por completo e sem voltar.

Unna, de Hamburgo, muito dedicado a estudos leprologicos e a solução do problema therapeutico d'este flagello, partindo da observada refractariedade do tecido muscular ao processo leproso, concebeu a idéa d'uma possivel acção curativa do plasma muscular e sugeriu a Voorthuis, medico hollandez em Sumatra, a realisação de ensaios, neste sentido. Em 4 chinezes morpheticos praticou este, uma serie de injectões endo-venosas de „Valentins Maet Juice“, diluido em serum artificial, obtendo resultados symptomaticos animadores, de character geral e local, porem, não persistentes.

Estamos, com isso, chegados ao campo da proteino-therapia não especifica,

actualmente tão em voga e não é de admirar que seja, sobre o influxo da moda, novamente ensaiado na lepra, pois „Nihil novum sub sole“!

Assim, tambem, não admira que se voltasse a falar na utilidade de extirpar a lesão „inicial“ da lepra para evitar a generalisação do mal; conselho fútil que lembra „o cego falando da cór“ e que não abona os conhecimentos leprologicos de quem o dá.

O observado antagonismo entre determinadas doenças fiz que na lepra se tentasse a inoculação da erisypela, que foi feita por Havelburg em Rio de Janeiro, que, aparentemente, não encontrou imitadores da sua frustada tentativa therapeutica.

Quanto a influencia da endocrinologia na therapeutica da lepra consta-me, apenas, que, a administração de preparações da glandula thyroide foi recommendada por clinicos ingleses e eu mesmo utilizei, sem resultado, a ingestão de glandulas mesentericas n'um caso muito interessante de lepra frusta, com lesões sclerodermicas e ainhumoides.

Passando para os meios physiotherapicos empregados no tratamento da lepra, confesso não ter opinião propria sobre os efeitos curativos dos raios actinicos, da Radio- e Radium-Therapia: entretanto acham-se, na litteratura, consignados casos de exito favoravel.

Clinicando longo tempo em localidades onde não era possivel recorrer a estes recursos dos grandes centros, limitei-me ao emprego do *ferro de engommar*, de acordo com a technica preconizada por Unna, administrando, como elle, simultaneamente ichthol, pela boca. Este processo, bastante primitivo, é, entretanto, muito útil. Passase um ferro de engommar aquecido, por cima dos lepromas cujo desaparecimento se deseja e que se acham protegidos por diversas camadas de flanela, para evitar queimaduras. O calor irradiado em conjuncto com a pressão exercida pelo instrumento, revela-se de grande utilidade, permittindo a resorpção de lepromas volumosos.

Tal vez seja maior ainda o efeito do cryocauterio preconizado, na lepra, por Paldrock. Pelo menos será de emprego mais comodo e maniavel. O citado autor julga poder conseguir a cura radical e especifica da morphéa, tratando as lesões periphericas pela neve carbonica e apre-

senta uma originalissima e suggestiva theoria a este respeito. Elle pensa poder immunisar os leprosos com os productos das suas proprias lesões, tratadas pelo cryocauterio. Afirma que as inclusões granulares do bacillo de Hansen encerram acidos nucleinicos livres e combinados, lipoides e lipoproteides, cercados d'uma ganga formada de albumina basica na qual se encontram nucleides, nucleoproteides, lipoides livres e lipoproteides. Tratando os lepomas pela neve carbonica, desapparecem elles progressivamente, formando uma cicatriz e os bacillos de Hansen, modificados na sua tectura intima pelo frio, põem em liberdade antigenos que dão nascimento a formação de anticorpos. — Em theoria semelhante procura-se ultimamente, estribar os exitos incontestaveis do agente medicamentoso mais em voga, actualmente, no tratamento da lepra. Refiro-me ao oleo de Chaulmoogra e aos seus numerosos derivados. Este medicamento, frequentemente adulterado, é tido, por muitos, em conta de especifico e nos casos em que elle falha tem-se o recurso commodo de attribuir os insuccessos á falsificação do remedio. A chaulmoogra (*Tetraktogenos Kurzii*) é uma planta tradicionalmente conhecida nas Indias como poderoso remedio da lepra. Antiguissimos textos budhistas já preconisavam a acção benefica das sementes crúas desta arvore, comidas pelos morpheticos. A sua ingestão e a do oleo, d'ellas retirado, occasionam, porém, em consumo prolongado, perturbações digestivas sérias. Para obviar este inconveniente, uza-se as injectões intramusculares do oleo de Chaulmoogra, infelizmente não isemptas de acção irritante, pois ellas occasionam empastamentos dolorosos persistentes e, as vezes, adenopathias. Ha, porem, ultimamente preparações melhor toleradas pelos tecidos. Outros, ainda, uzam as suspensões colloidaes do oleo de Chaulmoogra, por via endovenosa; as reacções geraes costumam ser violentas depois d'estas injectões que tambem, frequentemente, occasionam endophlebites obliterantes. Inegavelmente trata-se d'uma substancia que actua de um modo decidido e as vezes brutal, sobre os processos leprosos, falhando, outras vezes, sem que se saiba á que attribuir este insuccesso. Alem d'isso trata-se de um medicamento difficil de manejar, que desencadeia, frequentemente, processos resorp-

tivos por demais violentos, ultrapassando em muito a habitual exacerbação das lesões morbidas (Reacção typo de Herxheimer), acompanhada de febre, inapetencia, nausea e emmagrecimento. A reacção febril alta, n'alguns casos, persiste acompanhada d'um quadro morbido que lembra a tuberculose miliar. Os germens, que habitualmente se abrigam nos tecidos lymphaticos e nervosos, invadem, sob' o influxo da medicação mobilisadora, a circulação sanguinea, dando á doenca um caracter de franca septicemia leprosa. —

Como já disse é difficil formar um juizo motivado sobre o valor real dos diferentes tratamentos e agentes antileprosos, devido a marcha caprichosa d'esta doenca com paradas espontaneas que chegam á simular curas.

Tenho, entretanto, a impressão pessoal que o uzo de oleo de Chaulmoogra pode ser de grande utilidade no tratamento da lepra, especialmente nas formas torpidas. O seu uzo requer, porém, muita circumspeção e cautella devido ao facto incontestavel da imobilisação dos germens, o que impede a sua administração á enfermos não hospitalisados. Igual prudencia é aconselhavel em relação aos já mencionados medicamentos antileprosos activos: Cantharidina, iodo e os agentes bacteriotherapicos: tuberculina, vacina de Rouw etc. Todos elles agem, nitidamente, sobre as lesões leprosas, podendo reactivar processos latentes e encaminha-los para a cura; por outro lado imprimem a lepra, não raras vezes, uma marcha vertiginosa, que, nem sempre poderá ser refreada. Impõe-se, portanto, proceder tacteando a reacção individual em cada caso e não agir esquematicamente, para evitar descabros.

Por fim, ainda, algumas palavras sobre o tratamento symptomatico das manifestações leprosas que exigem a intervenção do medico. Felizmente dispomos, na actualidade, d'um arsenal therapeutico muitissimo vasto e efficiente que permite ampla escolha e frequente mudança nos agentes, quando isso seja indicado para prevenir os inconvenientes da administração prolongada d'um dado remedio. E' preciso não esquecer, que a função dos diversos emunctorios e a dos órgãos vice-raes acha-se, quasi sempre, comprometido n'uma doenca infecciosa chronica como é a morphéa. Devemos, portanto, vigia-los

e corrigir as suas deficiencias de accordo com as regras uzuaes da therapeutica.

O symptoma „dôr“ é, inegavelmente, aquelle que com maior frequencia exige ser combatido. O grupo enorme das substancias analgeticas-antinevralgicas offerece recursos amplos e torna, quasi sempre, dispensavel o uzo dos estupefacientes como a morphina, que só excepcionalmente se empregará para evitar a formação de novos adeptos do consumo vicioso de drogas euphoristicas.

A emissão sanguinea, na forma de ventosas sarjadas, é um recurso therapeutico antiquissimo que se me mostrou efficaç no combate ao symptoma dôr. A balneação tepida ou quente, possue, tambem, effeito sedativo em muitos casos, alem de estimular a função do emunctorio dermico compromettido. Geralmente, os leprosos aprendem a apreciar os recursos hydrotherapicos, maxime quando se adiciona á agua alguma substancia medicamentosa, que reforça, psychicamente, a acção physica do banho quente. Seja dito, de passagem, que tambem, na morphéa não se deve desprezar o auxilio da medicina espiritual. A mentalidade d'estes doentes merece um estudo detalhado, devido a certas particularidades caracteristicas que apresenta. Ella é muito accessivel á influencias mysticas e practicas supersticiosas. E' portanto licito que tiremos d'estas tendencias um partido util para estes infelizes, que merecem toda a nossa commiserção, não obstante o seu character ego-centrico e anti-social.

Indicação para intervenções cirurgicas offerecem, principalmente, as necroses osseas na lepra. Convém, entretanto, ser conservador até onde seja possivel; porque se quisessemos logo recorrer á exarticulação ou amputação, dos nossos doentes restaria, em breve, só o tronco. Não se deve esquecer que os morpheticos, da forma mutilante, sabem aproveitar-se muito bem dos rudimentos das suas extremidades. Uma intervenção cirurgica de urgencia para a qual o medico d'um leprosario deve estar sempre preparado é a tracheotomia que, as vezes, d'um momento para o outro, se torna necessario; especialmente em doentes submettidos a medicação iodurada.

As affecções oculares devem ser dispensado especial cuidado, porque, apresen-

tam-se com frequencia durante a evolução da lepra, de forma que estes doentes carecem d'uma vigilancia periódica exercida por ophtalmologista competente.

Prophylaxia official da Lepra no Rio Grande do Sul

Pòdemos dizer que não existe, não obstante da já demonstrada diffusão e do character francamente invasor do flagello que compromette seriamente o futuro sanitario do nosso Estado. Só ultimamente entrou a lepra na lista das doenças transmissiveis de notificação obrigatoria, inoqua providencia, aparentemente o echo vago, longinquo da fragorosa luta realisada na Capital Federal em torno do problema da prophylaxia official da morphéa no Brazil. A patriotica cruzada iniciada por Belisario Penna e outros apostolos sanitarios, com a sua grande repercução nos organs de publicidade teve a vantagem de originar, tambem, neste recante do Brazil a constituição d'uma associação philanthropica Sul Rio Grandense para a fundação d'um leprosario regional. Os iniciadores d'este plano dirigiram-se, naturalmente, ao Governo do Estado, solicitando o seu auxilio moral e material. Este, deu alguns vagos e indecisos passos. Procedeu-se á internação compulsoria de meia duzia de morpheticos vagabundos no Hospital de Isolamento d'esta capital, a titulo provisório e nomeou-se uma commissão technica para estudar a conveniente localisação da futura colonia-asylo dos leprosos. Não obstante o longo tempo decorrido, desde o inicio d'estes estudos, nada de positivo, surgiu d'elles e as cousas continuam no mesmo pé, na mesma estagnação anterior.

Não carece, portanto, de oportunidade, e actividade da Sociedade de Medicina de Porto Alegre que, por iniciativa do seu digno Presidente, pôz novamente em debate tão descurado problema, propondo-se de ventila lo amplamente.

Embora haja ainda muitos e importantes pontos não elucidados sobre a pathogenese da morphéa e a sua transmissão, aos quaes ja me referi, é incontestavel que se trata d'um flagello endemico, transmissivel por contagio e, talvez tambem por hereditariedade, que pode ser extinto desde que se põe em practica o isolamento simultaneo de todos os doentes. Este pode ser colectivo — o que é preferivel —

Aviso

Afim de regularisar a expedição dos Archivos Rio Grandenses de Medicina resolvemos fazer em conjuncto a publicação dos n.^{os} 10, 11 e 12. A irregularidade acima salientada foi motivada pela demora na entrega de alguns originaes. A partir de janeiro de 1928 a expedição será feita mensalmente e com a maxima regularidade.

ou individual e domiciliario, para doentes em determinadas condições sociaes, que se submettem a uma vigilancia sanitaria permanente. Cada leproso afastado do convívio social, equivale a suppressão d'um foco de contagio. Dados estatísticos, de proveniencia insuspeita, baseados em observações feitas em varios focos endemicos mostram, de modo inconfundivel que o isolamento é a medida mais efficaz na luta antileprosa. A diminuição da morphéa é proporcional ao numero de doentes asylados durante o periodo quinquenal precedente, nos districtos, onde esta providencia é adoptada.

A necessidade da intervenção do Governo Federal na solução do problema da extinção da lepra parece-me imprecendivel, pois a campanha individual e collectiva — seja esta municipal ou estadual — resulta, forçosamente, insufficiente para conduzir esta cruzada a bom termo. Ha necessidade d'um plano vasto e uniforme, bem ponderado e inflexivelmente executado, abrangindo toda a extensão territorial do Brazil. E' preciso criar um fundo de combate a lepra e organizar um censo serio dos doentes d'esta natureza. Por

parte de certos governos existe, infelizmente, o proposito deliberado de diffcultar estas investigações e de esconder a verdade. Diante um problema d'esta magnitude devem desaparecer susceptibilidades bairistas e autonomias arrogadas. Deve-se abrir mão de principios politicos nocivos a collectividade. Sirva-nos, neste particular, de exemplo suggestivo o Estado de S. Paulo que não occulta a sua estatistica de morbidez e que incluiu no seu Regulamento de Saúde Publica o seguinte: „quanto a lepra será seguido o que dispõe a Lei Federal“. —

Estamos, no Rio Grande do Sul, em vespéras d'uma mudança governamental. Este facto, por si, basta para inspirar-me novas esperanças. Tenho fé que o presidente eleito fará o seu Estado natal avançar na senda do progresso, livre das peias d'uma orientação politica de horizontes estreitos. Faço votos que elle se compenetre da verdade inconcussa e do alcance da maxima latina „Salus publica suprema lex“. Assim sendo elle não deixará de prestar a merecida attenção a solução do magno e urgente problema da prophylaxia da lepra. —

Dr. Sarmiento Leite Filho

Prof. de Pathologia e Clinica Medica da Faculdade
Doenças internas e nervosas
Consultorio: Andradas n. 395, ás 17 horas. Residência: S. Raphael, 112.

Dr. Diogo Ferrás

Professor da Faculdade de Medicina.
Clinica de olhos, ouvidos, nariz e gargant.
Consultorio: Rua Riachuelo n.º 329 e Brangança n.º 91 (Sobrado), das 10 ás 12 e das 4 ás 6.

Dr. Carlos Leite

Prof. da Faculdade de Medicina
Molestias internas, syphilis e pelle
Consultorios: Ph. do Indio, ás 9 horas. Pharmacia Carvalho, ás 15 horas.
Residencia: Voluntarios da Patria, 515. Teleph. 88.

Dr. Fabio de Barros

Prof. de clinica neurologica da Faculdade de Medicina, medico alienista do Hospital São Pedro.
Clinica de molestias nervosas e mentaes.
Consultorio: Andradas n. 551, das 10 ás 11 horas.
Residencia: Marechal Floriano, 95. Teleph. 5085 aut.